

DRAGÕES NÃO EXISTEM: TRAUMA E DESMENTIDO NA PERSPECTIVA DE FERENCZI

Caroline Santos Dias, Gabriela Amorim dos Santos Fernandes, Livia Lemes Vianna, Marcela Braga Fernandes, Lauro Take Tomo Veloso.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, carolinedias317@gmail.com, amorimgaba010903@gmail.com, livialemes71@gmail.com, marcela.bfernandess@gmail.com, lauro.taketomo@univap.br.

Resumo

O presente artigo pretende discurrir a respeito do trauma e do desmentido na psicanálise de Sándor Ferenczi e construir uma relação com a literatura, ao fazer uma análise do conto infantil "There's no such thing as a dragon", de Jack Kent (em tradução livre, "Não existe essa coisa de dragão", 1975). Adotando como base os textos de Ferenczi, buscou-se conceituar essa condição psíquica e sua manifestação na relação entre pais e filhos, discutindo a concepção de que o trauma não se restringe ao impacto direto do acontecimento adverso, mas é potencializado quando a narrativa e a dor da criança são invalidadas pelas figuras parentais, caracterizando o desmentido. Concluiu-se que o conto expressa a ideia de que o que é negado tende a crescer, ilustrando a ideia de Ferenczi de que o trauma é potencializado pelo desmentido. A análise psicanalítica, nesse contexto, oferece um caminho para a ressignificação do trauma, quebra do desmentido e reconstrução do vínculo de confiança rompido.

Palavras-chave: Trauma; Psicanálise; Ferenczi; Desmentido.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Psicologia.

Introdução

Uma das principais contribuições da psicanálise foi a compreensão de que as experiências vividas na infância produzem um longo efeito na vida adulta. Sigmund Freud, em sua obra "Cinco Lições de Psicanálise" (1910), apontou que o processo terapêutico, independentemente de seu ponto de partida, invariavelmente volta à infância do paciente. Esse retorno não acontece de maneira aleatória, ele revela que os conflitos e afetos do passado permanecem vivos no inconsciente, moldando as emoções, os comportamentos e as relações de cada um. Nesse sentido, a análise desempenha função essencial para descobrir como essas vivências se apresentam na vida do sujeito, mesmo que de maneira disfarçada.

Se para Freud as experiências infantis determinavam a constituição do psíquico, para Sándor Ferenczi essas experiências se tornavam ainda mais impactantes quando atravessadas por um trauma. De acordo com ele (1933), o evento traumático não era o único problema, mas também o desmentido, quando a dor da criança é negada ou minimizada por aqueles que deveriam ser figuras de cuidado. Nesse momento, o trauma adquire uma nova dimensão, pois é potencializado pela falta de reconhecimento, quando ao invés de compreensão e apoio, a criança encontra descrença e silêncio.

Esse fenômeno encontra uma ilustração na literatura infantil. O conto infantil "There's No Such Thing as a Dragon" (1975), aborda especificamente sobre uma criança chamada Billy Bixbee, na qual segue a narrativa enfrentando a existência de um pequeno dragão em sua morada. Ao compreender que sua mãe não acreditava em dragões, a criança passou a ignorá-lo, e assim o dragão foi crescendo incontrolavelmente. O livro refere-se à importância de enfrentar problemas, verbalizá-los, reconhecê-los, não postergá-los e muito menos negá-los, funcionando como uma metáfora. Consequentemente, é possível interpretar a história através de um olhar inspirado pelas obras de Sándor Ferenczi, relacionando conceitos como o trauma e o desmentido, no qual a negação da dor acaba por tornar-se um segundo trauma, intensificando a angústia.

Dessa forma, este artigo propõe uma leitura da narrativa de Jack Kent a partir da perspectiva psicanalítica de Sándor Ferenczi, com ênfase nos conceitos de trauma e desmentido. A análise tem como objetivo evidenciar como a história retrata simbolicamente os efeitos da negação do sofrimento infantil, aproximando-se da concepção ferencziana de que o trauma não reside apenas no

acontecimento em si, mas também na ausência de reconhecimento por parte das figuras parentais. A partir desse diálogo entre literatura infantil e psicanálise, pretende-se refletir sobre como narrativas aparentemente simples podem revelar profundas verdades sobre a constituição subjetiva e os mecanismos de enfrentamento do sofrimento psíquico.

Metodologia

O estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, por meio de uma revisão de literatura, sobre os conceitos de trauma e desmentido a partir da relevância teórica e afinidade diante das obras de Sándor Ferenczi como objeto de estudo. Paralelamente, buscou-se analisar e interpretar o conto infantil “There’s no Such Thing as a Dragon”, de Jack Kent, utilizado como um recurso para exemplificar a temática. A escolha do conto como material de análise se deve ao seu potencial metafórico e à clareza com que ilustra processos psíquicos complexos em linguagem acessível. A abordagem interpretativa seguiu a lógica da hermenêutica psicanalítica, na qual elementos simbólicos da narrativa são relacionados a conceitos clínicos, permitindo a articulação entre teoria e ilustração literária.

Resultados e discussão

O impacto do trauma não elaborado no psiquismo (mundo interno)

A infância é um período significativo para o desenvolvimento psíquico, marcado pela formação das primeiras experiências emocionais, a criança começa a ter noção de que as outras pessoas têm sentimentos diferenciados dos seus. Esse pensamento é decorrente da diminuição de seu egocentrismo, a criança depende de ideias concretas para chegar às suas conclusões (Rappaport, 1981). A família, como principal núcleo de socialização, desempenha papel central nesse processo, oferecendo, ou não, segurança, cuidado e validação das vivências. Para Minuchin, Colapinto e Minuchin (1999), o grupo familiar pode ser considerado o sistema que mais influencia diretamente o desenvolvimento da criança. É dentro deste núcleo que o indivíduo em desenvolvimento encontra os primeiros “outros” e com ela aprende o modo humano de existir (Szymanski, 2004).

Sigmund Freud, ao investigar a origem dos sofrimentos psíquicos de seus pacientes, percebeu que muitas queixas e sintomas não tinham explicação física, mas estavam enraizados em experiências emocionais passadas, traumáticas e não elaboradas (Freud; Breuer, 1895). Um dos mecanismos de defesa do aparelho psíquico é a consciência, que funciona como um escudo protetor que divide o mundo exterior do interior. O fracasso do processo de defesa resulta no trauma. O efeito traumático causa uma ruptura na vida do indivíduo, separando-a em antes e depois e impedindo a assimilação da experiência. Perante o trauma, o sujeito está condenado a fortes lembranças do momento de origem, chamados de reminiscências. “[...] mesmo sob a dominância do princípio do prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente.” (Freud, 1920, p. 24). Dessa forma, a experiência não assimilada tende a retornar e a se repetir, como uma forma de elaborar o trauma.

O Trauma e o Desmentido em Sándor Ferenczi

Na perspectiva de Ferenczi, o trauma não se limita ao impacto direto do acontecimento violento, mas também é constituído pela forma como o adulto reage ao relato da criança. O autor destaca que, muitas vezes, o núcleo mais devastador do trauma não está apenas no evento inicial, mas na negação da realidade por parte da figura de cuidado, o que ele denomina desmentido. Trata-se de um segundo momento traumático, em que a criança, além de viver uma experiência invasiva ou abusiva, vê sua percepção invalidada, rompendo o pacto de confiança e deixando-a sozinha diante de um excesso impossível de simbolizar.

Ao se considerar o desmentido como uma segunda violência, observa-se que, no conto *There’s No Such Thing as a Dragon* (Kent, 1975), o gesto da mãe de negar reiteradamente a existência do dragão funciona como um ato simbólico de invalidação da experiência infantil. A criança, diante dessa recusa de reconhecimento, é levada a recalcar ou a minimizar o que percebe, internalizando a mensagem de que suas sensações e narrativas não encontram legitimidade no campo do outro. Como lembra Coelho

A Ciência do **NANO** e seu impacto transformador no **MACRO**

Júnior (2012), o desmentido compromete a constituição do Eu, pois fragiliza a confiança no ambiente e na possibilidade de comunicar o vivido.

Segundo Batista (2006), Ferenczi resgata a importância de pensar o trauma como decorrente de uma experiência real e violenta, frequentemente associada à “confusão de línguas” entre adultos e crianças. Por parte da criança, sob a forma de brincadeira, se dá uma sedução que Ferenczi (1933) chamou de linguagem da ternura, correspondente a uma organização sexual e psíquica anterior à sexualidade sob o primado do genital. O adulto não reconhece essa linguagem e responde ao que foi denominado de linguagem da paixão.

Como aponta Ferenczi (1933), o trauma se intensifica não apenas pelo ato agressivo, mas pelo rompimento da confiança quando o adulto responsável invalida ou nega a experiência narrada pela criança. Essa negação não é percebida como simples erro, mas como uma confirmação de que o mundo adulto é inacessível e hostil, favorecendo a clivagem narcísica e a dissociação psíquica, esses fenômenos psíquicos podem ser entendidos como uma dificuldade de manter uma conexão saudável com a realidade em razão da irrupção de lembranças desorganizadas, todas relacionadas ao trauma.

A incompreensão gera um choque inesperado que, quando acompanhado pela negação do ocorrido (o desmentido), se torna condição para a constituição do traumático (Batista, 2006). Essa dinâmica faz com que a criança se sinta indefesa e desamparada, tendo como consequência a clivagem narcísica: suspensão temporária da atividade psíquica, estado de passividade e enfraquecimento das resistências. O desmentido, portanto, não é uma simples recusa de acreditar, mas uma experiência de ruptura relacional que potencializa o sofrimento e deixa marcas profundas na vida psíquica.

Nesse sentido, o crescimento desmedido do dragão pode ser interpretado como a representação metafórica daquilo que, não podendo ser dito ou elaborado, expande-se no psiquismo de forma invasiva. Ferenczi (1933) adverte que a ausência de acolhimento frente à narrativa da criança impede a metabolização psíquica da experiência, fazendo com que o trauma permaneça vivo e atuante. Tal como no conto, o “dragão” não desaparece por ser negado; ao contrário, cresce até ocupar todo o espaço disponível, revelando que o silêncio imposto pelo desmentido não dissolve o afeto traumático, mas o intensifica.

Assim, a obra literária oferece um recurso simbólico potente para compreender os efeitos subjetivos do desmentido, permitindo articular a dimensão clínica descrita por Ferenczi com uma representação metafórica acessível. Essa aproximação reforça a importância de validar as percepções infantis como condição para que a experiência traumática possa ser compartilhada pela criança, prevenindo que o “dragão” interno alcance dimensões incontroláveis.

O conto de Jack Kent como uma metáfora para o trauma

No conto “There’s No Such Thing as a Dragon”, a experiência de Billy ao encontrar o dragão e ouvir da mãe que “não existe tal coisa” ilustra, de forma metafórica, o processo do desmentido descrito por Ferenczi. A reação materna não apenas invalida a percepção da criança, mas inaugura uma cadeia de acontecimentos em que a negação favorece o crescimento incontrolável do dragão. Tal como na dinâmica traumática, o problema não se limita ao surgimento do “dragão” (representação simbólica de uma experiência perturbadora), mas é agravado pela ausência de reconhecimento por parte da figura de cuidado. O conto evidencia que a recusa em nomear e reconhecer uma realidade percebida pela criança intensifica seu efeito, fazendo com que ocupe cada vez mais espaço, até que o reconhecimento se torne inevitável. Nesse sentido, a narrativa de Kent funciona como uma metáfora visual e lúdica para o impacto psíquico do desmentido: aquilo que é negado não desaparece, mas cresce silenciosamente até se tornar impossível de ignorar.

Como já mencionado anteriormente, o dragão que cresce desmedidamente enquanto é ignorado representa, de forma simbólica, aquilo que não é nomeado ou reconhecido. No momento em que o protagonista finalmente admite sua presença e o apresenta aos outros, o dragão diminui de tamanho. No entanto, ele não desaparece, permanece ali apenas menos ameaçador. Essa narrativa oferece uma potente metáfora para compreender o funcionamento do trauma: experiências dolorosas, quando negadas ou desmentidas, tendem a ganhar proporções sufocantes, ocupando o espaço psíquico de forma invasiva, porém ao serem nomeadas e elaboradas, perdem parte de seu peso, mas continuam a existir como marcas constitutivas da história do sujeito. A partir de uma vivência traumática deve-se supor uma dissociação na consciência para a explicação dos fenômenos históricos (Breuer; Freud,

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

1895). A lembrança que forma o conteúdo desse ataque não é qualquer, mas a reprodução alucinatória do acontecimento traumático (Favero, 2009).

A clínica psicanalítica atua nesse sentido, a direção do tratamento não segue um caminho para “apagar” o trauma, mas para elaborá-lo. Elaborar um trauma não significa eliminar da experiência, significa ressignificá-lo a ponto de que sua presença deixe de ser esmagadora, permitindo que o indivíduo retome a circulação da vida e do desejo (Freud, 1990). Assim como o dragão do conto, o trauma nomeado continua a existir, mas sob uma forma integrada à narrativa pessoal, um elemento que deixa de dominar para se tornar parte reconhecida e, portanto, parte da existência do sujeito.

Partindo dessa compreensão do trauma como algo que permanece, ainda que ressignificado, é possível aproximar essa metáfora da teoria freudiana da compulsão à repetição. Trata-se da tendência do sujeito a reviver, de forma direta ou simbólica, experiências que não foram suficientemente elaboradas ou simbolizadas (Freud, 1920). Para Alencar (2020), a compulsão à repetição também faz ressurgir experiências que, aparentemente, não têm nenhuma possibilidade de prazer, quando o evento traumático não encontra lugar no registro da palavra e da representação psíquica, ele permanece como uma marca bruta, irrepresentável, que retorna de modo repetitivo nos comportamentos, nas escolhas, nos sonhos e nas relações. Essa repetição não é necessariamente consciente; pelo contrário, opera à revelia do sujeito, conduzindo-o a situações que de alguma maneira reencenam o evento traumático.

No conto, o crescimento progressivo do dragão pode ser lido como metáfora dessa repetição silenciosa. Enquanto não é nomeado, o dragão se expande e ocupa cada vez mais espaço na casa e na vida da família. Da mesma forma, o trauma não reconhecido tende a se infiltrar nas experiências cotidianas, influenciando decisões e vínculos, mesmo que de forma invisível. Quando finalmente ocorre a nomeação, ou seja, quando a existência do dragão é reconhecida, há uma quebra nesse ciclo. Embora o dragão não desapareça, sua dimensão muda: ele se torna algo que pode ser visto, pensado e, portanto, elaborado. Na psicanálise, esse é o ponto em que o trauma começa a ser simbolizado, deixando de retornar apenas pela via da repetição inconsciente para, aos poucos, se inscrever na história do sujeito. Nomear, nesse sentido, não apaga o passado, mas abre espaço para que ele seja integrado de forma menos invasiva, rompendo a lógica compulsiva que o mantinha vivo no silêncio.

Conclusão

A análise do conto “There's No Such Thing as a Dragon” ilustra de forma muito interessante o conceito de trauma e desmentido de Sándor Ferenczi. A metáfora criada por Jack Kent ilustra que aquilo que é negado não deixa de existir; ao contrário, tende a crescer e ocupar espaço até que se torne impossível de ignorar. Esse movimento simbólico encontra correspondência direta na clínica, onde se observa que o sofrimento oriundo do desmentido frequentemente permanece latente por anos, moldando comportamentos, relações e formas de lidar com o mundo.

Nesse sentido, a psicoterapia se apresenta como um espaço privilegiado para a ressignificação dessas vivências, permitindo que sentimentos negados ou não reconhecidos encontrem lugar para serem nomeados e integrados à história do sujeito. Ao oferecer escuta qualificada, acolhimento e validação da experiência, o trabalho clínico possibilita restaurar, ainda que parcialmente, o pacto de confiança rompido no passado, elaborar um trauma desmentido não significa apagar o acontecimento, mas transformar a forma como ele é vivido internamente, abrindo caminho para que o sujeito possa reorganizar sua vida psíquica e fortalecer sua capacidade de enfrentar novas experiências.

Referências

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

ALENCAR, D. O que há além do princípio do prazer?. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 61-68, 2020.

BATISTA, F. A. **A Concepção de Trauma em Sigmund Freud e Sándor Ferenczi**. 2006. Trabalho de pesquisa - Laboratório de Epistemologia e Clínica Psicanalítica (LABEC), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

BREUER, J.; FREUD, S. (1895). **Estudos sobre a histeria**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 15-297.

COELHO JÚNIOR, N. A clínica do trauma na psicanálise: contribuições de Sándor Ferenczi. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 28, n. 4, p. 429-436, 2012.

FAVERO, A. B. **A noção de trauma em psicanálise**. 2009. 207 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

FERENCZI, S. **Confusão de línguas entre os adultos e a criança** (1933). In: FERENCZI, S. Obras completas. v. 4. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 111-124.

FIGUEIREDO, L. C. Ferenczi e o trauma. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 49-60, 2010.

FREUD, S. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 13-85.

FREUD, S. **Cinco lições de psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. (1914). **Recordar, repetir e elaborar**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 189-203.

KENT, Jack. **There's no such thing as a dragon**. New York: Golden Press, 1975.

MINUCHIN, P.; COLAPINTO, J.; MINUCHIN, S. **Trabalhando com famílias pobres**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. da R.; DAVIS, C. **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1981.

SZYMANSKI, H. Práticas educacionais familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. **Estudos de Psicologia**, n. 21, p. 5-16, 2004.